

A escrita como marcador do percurso lingüístico de um sujeito autista.

Sonia Sellin Bordin¹, Elaine Cristina de Oliveira²

¹Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Caixa Postal 6045 – 13.084-971 – Campinas – SP – Brasil

²Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

soniasellin@uol.com.br, elaine_oliveira2000@yahoo.com.br

Abstract. *In this work we analyzed a child's written production that presents diagnosis of infantile autism, as well as indications of focal signs in the wolves occipital, parietal and temporal in the left hemisphere. The points considered in that production are those that catch the marks of a linguistic subject in his/her written production. That assumption will be orientated by the abbreviation revision of the literature on the infantile autism, for the theory neurofuncional of Luria and finally for the theory of discursive Neurolinguistic.*

Keywords. *Infantile autism, Writing, Neurolinguistic.*

Resumo. *Neste trabalho analisamos a produção escrita de uma criança que apresenta diagnóstico de autismo infantil, bem como indícios de sinais focais nos lobos occipital, parietal e temporal no hemisfério esquerdo. Os pontos considerados nessa produção são aqueles que flagram as marcas de um sujeito lingüístico na sua produção escrita. Essa assunção será norteadada pela breve revisão da literatura sobre o autismo infantil, pela teoria neurofuncional de Luria e finalmente pela teoria da Neurolingüística discursiva.*

Palavras-chave. *Autismo infantil, Escrita, Neurolingüística.*

1. Introdução:

Essa introdução se inicia pelo convite ao leitor para que aprecie visualmente o material escrito que segue abaixo (ou, se preferir, consulte no final desse artigo a sua cópia original) e, em seguida, realize uma leitura atenciosa do mesmo.

| Linha | Texto |
|-------|---|
| 1 | eu e a mãe e o N e os ovos |
| 2 | de páscoa ai nesse dia o L viu |
| 3 | o coelho e,o coelhinho da páscoa comprou os ovos |
| 4 | de páscoa aí o coelho compra todos os ovos |
| 5 | de páscoa mas nesse dia o coelho da páscoa aí nesse |
| 6 | dia os coelhos da páscoa e nós estávamos na |
| 7 | época da páscoa e nesse dia o co |
| 8 | elho tem os ovos de páscoa o coelho trouxe |

| | |
|----|---|
| 9 | os ovos de páscoa o coelho de páscoa traz |
| 10 | ovos de páscoa os ovos de páscoa num dia agora |
| 11 | o L e o coelho trouxeram os ovos de páscoa |
| 12 | viram os ovos de páscoa que tem os filhotes de coelhos |
| 13 | de páscoa novos no dia da páscoa eu e a mãe nós está |
| 14 | vamos na época da páscoa vamos conhecendo o coelho |
| 15 | de páscoa e nós estávamos no mês de abril aí nesse |
| 16 | dia os coelhos de páscoa nesse dia os coelhos fabricam |
| 17 | ovos de chocolates estão brilhantes sim mas ago |
| 18 | ra estão maduras agora os ovos de páscoa e os coelhos |
| 19 | fabricaram os ovos de chocolates o coelhos de páscoa os |
| 20 | ovos de páscoa aí nesse dia os coelhos de páscoa os |
| 21 | ovos de páscoa fabricamos os ovos chocolate de páscoa |
| 22 | o coelho de páscoa viu o L viu o coelho viu os ovos de páscoa estão |
| 23 | fabricados na cesta de páscoa que tem os ovos de páscoa o coelho |
| 24 | de páscoa trouxeram os ovos de páscoa são muito brilhantes |
| 25 | o coelho da páscoa trouxeram os ovos de páscoa para o L e |
| 26 | para o N e para a mamãe e para fabricá-los os ovos de choco |
| 27 | late cobriram o saco de ovos de chocolate ai |
| 28 | nesse dia 05 ovos de páscoa estão lindos e agora temos (ou tem os) |
| 29 | ovos de páscoa o coelho trouxe os ovos de páscoa |

Quadro 1. Produção escrita do sujeito L

Essa produção escrita surgiu do pedido feito a um menino, LJ, de 9 anos, para que escrevesse sobre a páscoa. Na referida produção ele se identifica, em alguns momentos, como L apenas e identifica seu irmão como N. Tal produção escrita foi realizada em 08-04-2004¹.

É possível notarmos no texto original que esse material tem a distribuição gráfica no formato de um texto, ou melhor, de um longo texto. Que aspecto gráfico me possibilita chamar esse enunciado de texto? O aspecto ortográfico e a disposição espacial com encadeamento de palavras? O que dificulta dizer que se trata de um texto: o fato de não ter parágrafos, não ter pontuação e ter problemas de coesão e coerência?.

Para Koch (2000, p. 25) “um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação lingüística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido”. Na visão dessa autora, essa concepção de texto subjaz o postulado de que “o sentido não está no texto”, seja ele oral ou escrito, “mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação”.

Nosso propósito nesse trabalho não é afirmar se esse dado constitui-se ou não um texto, mas tentar recuperar, a partir dos indícios da presença de um sujeito lingüístico, suas condições de produção para então, tentar explicar se é possível (e porque) construir algum sentido pra esse texto.

O olhar do leitor procurando a leitura (que legitima a escrita) não consegue se concretizar diante de uma escrita que se sobressai tanto que permanece *escrita*, e inviabiliza quase completamente sua leitura. No lugar da fluidez da leitura, condição tão necessária para que ela ocorra, encontramos o emperramento, a patinação na promessa de que em algum momento as palavras se farão entendidas, as palavras permitirão sentidos, as palavras revelarão uma narrativa.

No entanto, apesar de identificarmos facilmente que, na maioria das vezes, a ortografia das palavras esta correta, assim como a concordância verbal e a sintaxe da língua que nos é comum, o que fica em relevo é a maneira como as palavras vão se encadeando uma após outra sempre em retorno, em recomeço, em retomada a um marcador temporal “nesse dia”, “na época”, “num dia”. Desse jeito não deslancha e permanece atrelado a alguma forma de re-petição.

A imagem do Zootrópio nos parece ideal para visualizar melhor a idéia dessa necessidade do movimento, da continuidade, de fluidez, como importante marcador da ação de contar, de narrar.

Sabe-se que o Zootrópio esteve muito presente na vida cultural européia do século XIX, sendo um brinquedo para as crianças e também um entretenimento para os adultos. Esse objeto permitiu a verificação de que uma seqüência de desenhos pintados separadamente quando colocados em movimento a partir de determinada velocidade dava a percepção de uma imagem em que esses desenhos se punham em movimento. Nascia assim a narrativa visual que posteriormente se tornou cada vez mais sofisticada através da tecnologia cinematográfica.

De certa forma a produção escrita que consideramos pode nos remeter a diferentes cenas de um mesmo tema: “Páscoa”. O que faltou para que se conferisse continuidade a essas cenas?

Uma possível resposta pode estar nas reflexões de Sacks (2004, p.4) sobre as ilusões visuais. Na visão do autor,

(...) Se uma consciência dinâmica e fluente permite, ao nível mais baixo, um olhar ou vasculhar contínuo e ativo, ao nível mais alto ele permite a interação da percepção e da memória, do presente e do passado (...). Partindo de uma consciência primária relativamente simples, como essa, descrevemos um salto para a consciência humana, com o advento da linguagem, da auto-consciência, e de um senso explícito de passado e futuro. E é isso que confere continuidade temática e pessoal à consciência de cada indivíduo.

Seguramente o registro do tempo presente-passado-futuro, na referida produção escrita, recebe uma marcação peculiar, vejamos, por exemplo, as flexões do verbo trazer nas linhas 8 e 9. Na linha 8 o verbo é flexionado no tempo passado (“o coelho trouxe”), já na linha 9 o verbo é flexionado no tempo presente (“o coelho de páscoa traz”).

Nesse sentido, há que ser considerado também a memória. Entretanto, não se trata da memória vista como registro, mas aquela dos termos de Smolka (2000, p.15) “(...) A possibilidade de falar das experiências, de trabalhar as lembranças de forma discursiva, é também a possibilidade de dar às imagens e recordações embaçadas, confusas, dinâmicas, fluídas, fragmentadas, certa organização e estabilidade”. De que memória nosso escritor é portador? Aliás, quem é esse escritor?

2. Sobre o escritor

Conforme já adiantamos, o sujeito desse estudo, LJ, é um menino de 9 anos de idade que iniciou terapia fonoaudiológica em 1999, quando contava com 3 anos e dez meses. Esse atendimento inclui, além da referida terapia, o encontro semanal entre a mãe desta criança e a terapeuta para que conversassem sobre as suscitações que esse tratamento traz, ou seja: a criança, a mãe, a família, a terapeuta, a patologia, a ciência, a vida.

LJ teve o diagnóstico *presumido* de autismo infantil por volta de 1998. *Presumido* porque estes diagnósticos são de difíceis constatações e muitas vezes são realizados pela medicina apenas na forma verbal por temer-se a desestabilização familiar que uma afirmação como essa pode desencadear.

Os exames realizados por LJ foram: (1) eletroencefalograma, no ano de 1998, que acusou sinais focais em área têmporo-parietal occipital no hemisfério esquerdo – a mãe explica que no final de sua gravidez de LJ foi identificado nele uma “mancha” nessa mesma região cerebral; (2) ressonância magnética, em 1998, que obteve resultado normal; (3) exame BERA (que investiga a audição central), em 1999, sendo considerado normal. LJ também se submeteu a atendimento psicoterápico por três anos. Nenhum outro exame relevante foi realizado.

LJ apresentou-se com hiperlexia por voltas dos 6 anos quando sua fala ainda se mostrava muito precária. Após várias tentativas frustradas de incluí-lo no sistema de ensino regular, atualmente encontra-se em uma escola especial na rede particular.

3. Sobre o autismo infantil

Kanner, foi o primeiro médico a estruturar, nosologicamente, o autismo infantil. Sua descrição sobre o autismo comportava: uma incapacidade da criança tanto para responder aos estímulos vindos do meio como para constituir relações afetivas, imaginação pobre, uso da inversão pronominal, isolamento extremo, exigência da manutenção de rotinas, estereotipia e ecolalia. Essas alterações deveriam estar presentes no primeiro ano de vida (Kanner, 1943). Posteriormente, essa idade foi estendida pelo próprio autor para três anos.

O autismo infantil tem sido freqüentemente estudado em diferentes áreas da medicina. Assim, os estudos de tomografias (PET e SPECT), ressonância magnética funcional, entre outros, revelam que as alterações anátomo-funcionais estão presentes nas crianças com autismo, principalmente, em áreas como: hipocampo, sistema límbico, lobo frontal, região da amígdala, cerebelo. Quanto aos hemisférios cerebrais, observa-se que o hemisfério direito se mostra funcionalmente melhor que o esquerdo.

Outros estudos indicam alterações genéticas, metabólicas e incluem a vacina tríplice e as alergias alimentares (a glúten, cafeína, açúcares e aditivos de alimentos), como possíveis causas do autismo.

Os estudos da psicologia, principalmente, os do psicanalista Jeruzalinsky (1991) recuperam a importância de se considerar que o autismo infantil não se configura em um único tipo, mas em vários tipos, por isso, trata-se de *autismos*. Nessa reflexão há a consideração de que os autismos podem ser de origem psicológica, neurológica ou secundária a alguma afecção cerebral, por exemplo.

Não se sabe, até hoje, a causa do autismo e também não há tratamento farmacológico para o mesmo.

Atualmente temos dois índices² que são mais usados na consideração para o diagnóstico do autismo infantil: A *Classificação Internacional de doenças* – CID-10 (1993) da Organização Mundial de Saúde que descreve o autismo (dentre outras patologias) como um *Transtorno Global do Desenvolvimento* e o *Manual de Diagnóstico de Saúde Mental*- DSM-IV (1994) da Associação Americana de Psiquiatria que o designa como um *Transtorno Invasivo de Desenvolvimento*. Tanto um como o

outro elegem a tríade de alterações nas interações sociais recíprocas e modalidades de comunicação; repertório de interesse restrito, estereotipado e repetitivo como os principais sinais dessa patologia.

4. Sobre os sinais focais em área têmporo-parieto-occipital no hemisfério esquerdo.

Na concepção de Luria (1977) essas alterações afetam a neurodinâmica do funcionamento cerebral em relação à linguagem. Resultando disso a afasia semântica que se particulariza por desencadear no indivíduo uma alteração na “síntese quase-espacial simultânea” (op cit, p.63) que se estende também à estrutura lógico-gramatical da língua e a problemas de natureza semântica³. Há dificuldade para produzir e interpretar: enunciados que façam uso de construções lógico-gramaticais que utilizem preposição, expressões metafórica e sentido figurado, por exemplo.

Sabemos que os estudos de Luria se dirigem mais especificamente a adultos que se tornaram lesionados cerebrais e em relação ao nosso caso reconhecemos dois fatos: (1) trata-se de um cérebro que nasce nessa condição, portanto, prescinde de experiências lingüísticas (e interfaces) em diferente condição e (2) os indícios de sinais cerebrais focais aparecem em duas situações (intra-útero e eletroencefalograma /1998) e desaparece na ressonância magnética do mesmo ano. Desse fato resulta uma instabilidade diagnóstica, porém, não significa que não houve nesse cérebro repercussões funcionais.

5. A Neurolinguística

A neurolinguística discursiva compreende a interlocução, a dialogia, como espaço de produção de sentidos, envolvendo o discurso verbal e não verbal, o uso cognitivo e social da linguagem. Seu embasamento principal está em Franchi (1977) na visão de que o sujeito atua no mundo *por meio de seu trabalho lingüístico*, além disso, se pauta também nas considerações cerebrais postulados por Luria. Assim, a visada neurolinguística privilegia no trabalho lingüístico do sujeito as marcas desse funcionamento como rastros de sua presença, atestando um trabalho lingüístico em andamento (COUDRY,1997).

Sabendo que o autismo infantil é tido freqüentemente como uma impossibilidade de interação social (e com o outro), a abordagem neurolinguística⁴ nos propõe verificar na criança autista as marcas de presença de um sujeito lingüístico que pode ser caracterizado como não sendo *sempre* social, mas que se faz presente, em alguma medida, circulando na língua e na cultura; permitindo com isso o reconhecimento da particularidade de sujeitos autistas dentre os próprios autistas⁵.

Esse parâmetro diz respeito ao postulado de (COUDRY, 1999, p.151) “(...) um sujeito afásico não é sempre afásico e um sujeito com síndrome frontal não se encontra sempre frontalizado, um sujeito normal não é sempre normal”. Por que um autista seria obrigatoriamente sempre autista?

Nessa medida quem seria nosso escritor? Uma criança autista atravessada cerebralmente por um funcionamento tido como autista e que inclui, talvez, as repercussões funcionais de um estado neurológico alterado (supra citado), que vai para o mundo, para o outro e para si mesmo nessas condições e não em outra. Portanto, temos que considerar um desdobramento dessa condição que atinge não só a linguagem,

mas todas as suas interfaces como: a percepção, a memória, as noções de espaço e tempo, o psíquico, o cognitivo.

6. Sobre a produção do dado

Foi solicitado a LJ que escrevesse sobre a páscoa. Esse tema foi se impondo naturalmente devido ao fato de que estávamos na época da páscoa e isso se reproduzia nos outdoors das ruas, na preparação da festa da escola, nos comerciais de televisão e mais especificamente no interior da casa de LJ, uma vez que sua mãe é doceira e faz ovos de páscoa caseiros. De posse de uma caneta hidrocor e de uma folha sulfite ele prontamente começa a escrever todo o texto de uma tacada só, sem voltar ao texto, procedimento comum na sua prática escrita.

7. Análise do dado

Para Corrêa (2002, p.19) “(...) produzir textos é mais complexo do que simplesmente submeter uma mensagem a uma codificação. É entre outras coisas retomar textos já falados/ouvidos, escritos/lidos e formular um novo, que, uma vez produzido, poderá ser submetido a reformulações (...)”.

Estamos, obviamente, falando dos adultos, ou de crianças mais velhas, porém, nosso autor é uma criança, além disso, traz uma condição diferenciada. Assim, apesar da sua atitude com a escrita ser a de escrever tudo de uma vez, lembrando uma psicografia, aparecem no manuscrito original de sua produção marcas de correção como a de qualquer outra criança tida como normal.

Dentre essas marcas, é possível observar, episódios de refacção que, a nosso ver, estariam relacionados com uma “preocupação” do sujeito em relação à segmentação – neste caso não-convencional – das seguintes palavras: “ovos depáscoa” na linha 5 e “coelhos dapáscoa” na linha 6. Nota-se que o sujeito marca a segmentação dos trechos “depáscoa” e “dapáscoa” com um risco forte entre as preposições (de e da) e o substantivo que acompanha cada uma das preposições – no caso páscoa.

Uma, dentre outras possibilidade de análise para a ocorrência “depáscoa” e “dapascoa”, relaciona-se a percepção pela criança do que Nespor e Vogel (1986) definem como grupo clítico. Abaurre e Silva (1993) relatam que elementos clíticos como artigos, pronomes pessoais e preposições, ou mesmo elementos lingüísticos como advérbios, pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos) e conjunções seriam elementos que “as crianças muitas vezes não dissociam dos itens lexicais nos quais estão *semântica e fonologicamente* ‘apoiados’” (ABAURRE e SILVA, 1993, p. 100). Esses elementos ocupariam, geralmente, posição de monossílabos átonos formando um grupo clítico com uma palavra de acento mais proeminente, o que levaria as crianças a terem dificuldades para identificar essas palavras (clíticos) como palavras independentes. No entanto, LJ se permitiu um distanciamento do texto para verificar esse efeito.

Ainda no que se refere aos episódios de refacção observamos que LJ deixa marcas também de correção ortográfica. A correção ortográfica realizada pelo sujeito, mais especificamente nas linhas 1 (ovos) e 18 (maduras), parece ter sido motivada pela tentativa de melhorar a forma da letra (no caso a letra V na palavra *ovos*) ou “percepção” do uso inadequado de uma ou mais letras (no caso de *maduras*). Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997) observam que as modificações mais comumente

encontradas nos textos de aprendizes de escrita dizem respeito à correção ortográfica. As autoras ressaltam que o trabalho com a ortografia decorre, principalmente, das exigências da escola sobre o que considera um avanço qualitativo da escrita infantil, mais do que uma real preocupação das crianças com a correção ortográfica. Especificamente no caso de LJ essas correções marcam a presença, mesmo que de modo fragmentado, de um sujeito – considerado autista – que se preocupa com a visibilidade da sua letra para o leitor. Quanto a propor que ele pensou naquele momento na possibilidade de alguém não entender, não podemos afirmar isso, porém, na atitude de LJ nesse episódio há rastros de um sujeito letrado, na medida em que ele “sabe” o que se espera de um texto, para que serve, e que é dirigido a alguém.

Essas análises são indícios de que? De que existe um sujeito? Sim. Que ele se relaciona com a língua e com o que há de estruturante nela? Achemos que sim. Principalmente, com os aspectos mais formais ou estruturais da língua. Mas essa escrita está desprovida totalmente do viés semântico?

Um aspecto que chama nossa atenção no texto de LJ refere-se a pontuação. É possível observar que o autor não faz uso de pontuação.

Os textos são contínuos e precisam ser divididos em partes e para que isso aconteça é necessário que haja pontuação, sendo que, essa pontuação aparece sempre em posições que indicam fronteiras sintático-semânticas. Aprender a pontuar, então, é aprender a partir e a reagrupar o fluxo de um texto de forma a indicar ao leitor os sentidos que o autor quer propor.

Para Chacon (1998) os sinais de pontuação, de um ponto de vista lingüístico, indiciam as relações entre oralidade e escrita recuperando, entre outros aspectos da oralidade, os prosódicos que veiculam o sentido na construção do texto. A ausência de pontuação no texto de LJ dificulta para o leitor a possibilidade de estabelecer no texto as fronteiras sintático-semânticas.

É possível observar também que na organização da narrativa desse texto existem estruturas que se repetem. Nota-se que expressões como “aí nesse dia” (linha 1), “aí o coelho” (linha 4), “nesse dia o coelho” (linha 5), “aí nesse dia os coelhos” (linhas 5 e 6), “e nesse dia o coelho”(linha 7) parecem funcionar como um mecanismo introdutório para as repetições de LJ ao longo de todo o texto. É no contexto destas repetições introduzidas quase sempre pelas mesmas expressões (ou marcadores de tempo) que o enunciado de LJ, de certa forma, progride.

Cabe destacar ainda, no que se refere a estrutura da narrativa do texto de LJ, que as expressões citadas acima, usadas por ele como introdutórias nos trechos que se repetem também são muito recorrentes nas narrativas de contos de fadas. Principalmente o articulador textual “aí” que para Gomes-Santos (1999) garante a continuidade das narrativas, e ainda, garante a manutenção do envolvimento do interlocutor com o fio da narrativa. De acordo com Corrêa (1997, p. 243) “esse uso de ‘aí’ como articulador é reconhecidamente uma marca dos gêneros narrativos mais informais, cujo traço de coloquialidade busca reproduzir, mesmo quando utilizado em situação de uso mais formal, o andamento do desenvolvimento temático na situação imediata de comunicação em que o escrevente supõe a participação direta de seu interlocutor”.

Apesar do espanto que a leitura da produção de LJ nos provoca, podemos reconhecer com facilidade que ele não fugiu da proposta: escrever sobre a páscoa. Há um deslizamento entre tentativas de dizer, vejamos as palavras que mais aparecem nessa produção seguida do número de ocorrência: páscoa (30); ovos (22); coelho (22); chocolate (7); verbos: trouxeram (6), trouxe/traz (3), comprar/comprou(2), fabrica/, fabricam(2); e, finalmente os marcadores temporais como: nesse dia(5), no dia (2), na época (3) , num dia (2), agora (1), mês de abril (1).

Na apreciação que acabamos de fazer, há mostras de que existe um sujeito que se manteve na cultura o tempo todo, e apesar da dificuldade da coesão, houve deslizamentos de sentidos que sinalizaram para práticas sociais reconhecidas por qualquer um de nós. Quanto à dificuldade de coesão, esta poderia ser considerada sob a luz da teoria da comunicação de Jakobson (1969/1985), no entanto, devido ao espaço que essa reflexão exige, será realizada em outra oportunidade.

Notas:

¹Gostaríamos de advertir que para preservar a identidade do autor do texto optamos por apenas manter a letra inicial dos nomes próprios que aparecem na transcrição. Além disso, preferimos não apresentar o texto com as marcas de segmentação não-convencional que ele apresentava, pois em alguns momentos, não foi possível afirmar se a segmentação ocorreu ou não.

²Em 1944, o psiquiatra Asperger também descreveu uma classe de sintomas com o nome de “Psicopatia autística” muito parecida com o autismo de Kanner. Porém, sua maior diferença era a de que essas crianças tinham melhor sociabilidade e não apresentavam atraso no desenvolvimento nem da linguagem nem do cognitivo. Essa descrição passou a ser conhecida como síndrome de Asperger.

³Os estudos completos sobre a Afasia Semântica podem ser encontrados nas produções de Lúria, A. R. *Neuropsychological Studies in Aphasia*. Amsterdam: Swets&Zeitlinger, 1977; Lúria, A. R. *Fundamentos de Neuropsicologia*. São Paulo, SP: Cultrix Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

⁴Outras abordagens teóricas pesquisam a linguagem no autismo infantil. Na Teoria Cognitiva, mais especificamente a Teoria da Mente, encontram-se autores que se destacam como: Baron- Cohen, Frith, Leslie, entre outros.

⁵Estudos de sujeitos autistas apontam a existência do espectro autístico compreendendo com isso uma variedade da singularidade desses sujeitos que, de acordo com a graduação do espectro, pode variar desde a ausência absoluta de interação até níveis muito próximos do que se convencionou como normal, isto é, com funcionamento pragmático adequado e independente (conferir, por exemplo, FERNANDES, F. D. MOLLINI; D.R. Imitação e jogo em crianças do Espectro Autístico - Três modelos de Comparação. In: *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, ano 7, n.1, junho, p.23-4, 2002.; Sacks, O. *Um Antropólogo Em Marte*. São Paulo – SP, 1995.; SHWARCZ, GILLBERG, C. *Entrevista Revista Época*, 27/09/2004; entre outros).

Referências Bibliográficas

- ABAURRE, M.B.M.; FIAD, R.S.; MAYRINK-SABINSON, M.L.T. *Cenas de aquisição de escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas-SP: Mercado de letras, 1997.
- ABAURRE, M. B. M.; SILVA, A. O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita. *Temas em psicologia*. São Paulo, v. 1, p. 89-102, 1993.
- APA, *American Psychiatric Association, Committee on Nomenclature And Statistics-Diagnostic And Statistical Manual Of Mental Disorders*, 4th Edition, Washington, Dc, 1994.
- CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. Campinas (SP). Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- CORRÊA, M. L. G. *Linguagem e Comunicação Social: visões da lingüística moderna*. São Paulo: Parábola, 2002.
- COUDRY, M. I. H. Questões enunciativas no contexto patológico. In: *Estudos Lingüísticos XXVI*, anais de Seminários do GEL. Campinas- SP, 1997.
- COUDRY, M. I. H. Processos de subjetivação e trabalhos lingüísticos. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 28. pp.152-167, 1999.
- FREIRE, F. M. P. *Enunciação e Discurso: A linguagem de programação Logo no discurso do afásico*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- GOMES-SANTOS, S. *O gesto de recontar histórias: gêneros discursivos e produção escolar escrita*. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, 1999.
- JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- JERUSALINSKY, A. Terapêutica do autismo-psicoterapia. In: *Anais do IV congresso Mundial da criança autista*. São Paulo: julho, 1991.
- KANNER, L. *Os distúrbios autísticos do contato afetivo*. (1943) trad. Mônica Seincman in Rocha, P.R. (org). São Paulo, Escuta, 1997.
- KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- OMS, *Organização Mundial de saúde*. Classificação de transtornos mentais e de comportamento da Cid-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Trad. Dorgival Caetano. Porto Alegre: artes Médicas, 1993.
- SACKS, O. A torrente da Consciência. Folha de São Paulo, 15/02/2004, Caderno Mais: tradução Clara Allain, 2004.
- SMOLKA, A. L. B. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. *Educ. Soc.*, v. 21, n. 71, Campinas, July, 2000.

Anexo

Texto original produzido por LJ.

EU E A MÃE E NICO LAS E OS OVOS
DE PASCOA A INESSE DIA O LUCAS VIU
O COELHO E O COELHO DA PASCOA TRAZIU OS OVOS
DE PASCOA AO COELHO SOMPARA TODOS OS OVOS
DE PASCOA MAS NESSE DIA O COELHO DA PASCOA AI NESSE
DIA OS COELHOS DA PASCOA NÓS ESTIVAMOS NA
ÉPOCA DA PASCOA E NESSE DIA O CO-
ELHO TEM OS OVOS DE PASCOA O COELHO TROUXE
OS OVOS DE PASCOA O COELHO DE PASCOA TRAZ
OS OVOS DE PASCOA OS OVOS DE PASCOA NUM DIA AGORA
O LUCAS E O COELHO TROUXERAM OS OVOS DE PASCOA
VIRAMOS OS OVOS DE PASCOA QUE TEM OS FILHOTES DE COELHOS
DE PASCOA OS OVOS NO DIA DA ÉPOCA DE PASCOA E VAMOS
VAMOS NA ÉPOCA DA PASCOA VAMOS COMEÇAR A
PASCOA E NÓS ESTAVAMOS NO MÊS DE ABRIL AI NESSE
DIA OS COELHOS DA PASCOA NESSE DIA OS COELHOS FABRICAM
OVOS DE CHOCOLATES ESTÃO BRILHANTES SIM MAS AGORA
FABRICAMOS OS OVOS DE PASCOA E O COELHO
FABRICAMOS OS OVOS DE CHOCOLATES O COELHO TROUXERAM OS
OVOS DE PASCOA A INESSE DIA O COELHO DE PASCOA OS
OVOS DE PASCOA FABRICAMOS OS OVOS DE CHOCOLATES DE PASCOA
O COELHO DE PASCOA VIU O COELHO VIU OS OVOS DE PASCOA
FABRICADOS NA ÉPOCA DE PASCOA QUEM OS OVOS DE PASCOA ESTÃO
DE PASCOA TROUXERAM OS OVOS DE PASCOA OS OVOS DE PASCOA
O COELHO DE PASCOA TRAZ OS OVOS DE PASCOA MUITO BRILHANTES
PARA O LUCAS PARA A MÃE E PARA FABRICAR OS OVOS DE PASCOA
LÁ TROUXERAM OS OVOS DE PASCOA DE CHOCOLATE AI
NESSE DIA OS OVOS DE PASCOA ESTÃO LINDOS E AGORA TEMOS
OVOS DE PASCOA O COELHO TROUXE OS OVOS DE PASCOA